

CONTRASTES MACHADEANOS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Há um desconcertante contraste entre a vida de Machado de Assis e a obra maior e decisiva que começa com o surgimento de Memórias Póstumas de Brás Cubas. Das notícias deixadas por seus contemporâneos, e sobretudo das próprias cartas, que pertencem mais à vida do que à obra, deduz-se uma personalidade que não combina, que chega a contradizer a outra que se adivinha atrás dos grandes romances da nova fase. Dir-se-ia que são dois homens: um que viveu em suave e tranquila ascensão, desde a bancada do moço tipógrafo até a presidência da Academia; e outro que terá sofrido, não se sabe onde, nem como, as asperezas de uma vida madrastra que lhe castigou o coração. Dois homens ou duas personalidades, duas vidas ou duas experiências — eis aí a primeira impressão que se tem quando se compara uma carta escrita a Joaquim Nabuco com uma página de Brás Cubas. De um lado o personagem pausado, prudente, cerimonioso, discreto, bem inserido na secretaria do Ministério da Agricultura, onde é zeloso e pontual, bem plantado nas instituições de seu tempo, confiante nelas, crente no Senado e na Academia, acatador de títulos e condecorações, afeito à etiqueta e às fórmulas da convenção bem educada; e de outro lado a alma aflita que bebe o desconsólio do Ecclesiaste.

Como conciliar os dois hemisférios tão distintos da mesma personalidade? Os mais sagazes amigos, que o conheceram dia após dia, não se saíram da empresa melhor do que nós. Nabuco confessa a sua perplexidade. Em carta datada de 8 de outubro de 1904, de Londres, diz-lhe o seguinte:

"Mas que vivacidade, que ligeirês, que doçura, que benevolência a do seu espírito, eu ia dizendo, que beatitude! Você pode cultivar a vesícula de fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas suas cartas o traem. Você não é somente um homem feliz, vive a beatitude como convém a um Papa, e Papa de uma época de fé, como a que hoje aí se tem na Academia. Agora não vá dizer que o ofendi e o acusei de hipocrisia, chamando-o de feliz".

Há nessa passagem epistolar três pontos que indicam o desconcerto em que se acha Nabuco para ter uma explicação de seu grande amigo. O ponto onde diz que Machado se trai nas cartas; o outro onde diz que ele cultiva a vesícula de fel; e o terceiro onde pede que não veja ofensa em chamá-lo de feliz. O claro espírito de Joaquim Nabuco se perde, sem aliás angustiar-se demais, diante das ambiguidades de Machado. Diz que as cartas o traem, como quem adianta que há certo disfarce, certo fingimento do poeta, lá nos romances em que cultiva o fel, isto é, na obra onde adota uma atitude inventada, legítima para o artista, mas nem por isso menos discordante da verdadeira face do homem bem casado, do acadêmico prestigiado, do velho papa a transpirar beatitude entre amigos e admiradores. Não sei se algum crítico já tentou explicar o decantado pessimismo do autor de Dom Casmurro como uma atitude cultivada. Sei que já o explicaram pelo sentimento de inferioridade do mestiço e do epilético. Machado de Assis era mulato e tinha vergonha de sua doença. Mas a explicação do que chamam de amargor, baseada nesses dados, é lesmentida pela vida do autor, como tão bem assinaou José Barreiro Filho. A carreira de Joaquim Maria Machado de Assis é uniformemente progressiva e tranquila. Filho de gente humilde, publica aos dezesseis anos o primeiro poema, "Ela", encontrando na "Marmota Fluminense", de Paula Brito essa primeira facilidade que nem todos os adolescentes desfrutam. Aos dezessete anos é aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional; aos vinte, revisor no "Correio Mercantil", e logo, novamente, autor publicado em "O Espelho", onde apresenta a poesia "Estréla da Tarde". Vê-se que a raça e a pobreza são compensadas pelos favores do mundo. Traduz peças de teatro aos vinte e um anos e saboreia as palavras que escreveu, posto que de segunda mão, na vida que ganham com a voz e os gestos dos intérpretes; e ouve os aplausos, dos quais certamente deduz a quota de corretagem que lhe cabe. Mal cumprida a maioridade legal, é convidado por Quintino Bocayuva a trabalhar na redação do "Diário do Rio de Janeiro", passando assim das artes servis às liberais. Num espaço de três anos o proletário vira burguês, o tipógrafo passa a redator; e aqui neste ponto do itinerário, se me dessem os dados do personagem, a cóp e a origem humilde, meu prognóstico seria o dos riscos da fatuidade e da gabolice, pois

todos sabemos que é por um mecanismo de ultracorreção que tais antecedentes costumam ser ocultados.

A ascensão continua. Vê representada no Ateneu sua primeira peça, "O Protocolo"; apresenta outras peças; publica-as em livros e antes dos vinte e cinco anos tem um volume de versos, "Crissalidas", apresentado pela Livraria B. L. Garnier. E continua subindo, e encontrando na rampa dos primeiros ensaios as facilidades que costumam ser raras.

Em 1867, com vinte e oito anos, nosso alpinista é agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem das Rosas, por serviços prestados às letras do país. Detenho-me neste ponto da cronologia, que tomo emprestada ao excelente trabalho de Magalhães Junior, para voltar às perplexidades com que abri este estudo, e para espantar-me de ver, no peito do futuro autor de "Quincas Borba", a estréla de seis pontas, esmaltada, bordada a ouro, e marcada com a solene divisa: Amor e Fidelidade. Divirto-me com a imaginação da cerimônia, não conseguindo sentir a concordância entre a solenidade e alma transida de horror às declamações. "U! ia-me escapando a entrase!" dirá mais tarde, no limiar de um capítulo; mas agora, no ano de 1867, presta-se de bom grado às manifestações dos favores do passo. Como conciliar a estréla de seis pontas, por serviços prestados com a pungente ironia que lhe darão, vida afora, os aparelhos do mundo?

Sem resolver a dificuldade, volto à enumeração dos sucessos, e chego ao glorioso ano de 1869 em que, com trinta anos, o autor consagrado, esquecido da tipografia e da cóp, contrai matrimônio com d. Carolina Augusta Xavier de Novais, que lhe grava, não na sobrecasaca mas no próprio coração, a divisa da imperial medalha: Amor e Fidelidade. Esse casamento com moça "branca", como costumam frisar os críticos que se apegam demais às adlerianas teorias da inferioridade que busca superações, se insere na vida de Machado com a naturalidade das coisas devidas, e com o suplementar sedativo que costumam trazer as esposas quatro ou cinco anos mais velhas que o marido. Esse casamento sereno e pacificador nos coloca diante de um novo paradoxo: entrava um elemento de inalterável doçura na vida daquela inteligência que poucos anos depois se abrirá, com extraordinária acuidade, para a amargura, ou para as lágrimas das coisas, como lá dizia o Virgílio.

Dona Carolina exerceu de certo uma forte influência sobre o marido, não porém aquela de femme savante ou de mentor literário que lhe empresta Lucia Miguel Pereira. Acho mais convincente, e até mais alto, o papel que lhe atribui Magalhães Junior. "Ainda o que os mulheres dos grandes artistas fazem de melhor é passar em silêncio, na ponta dos pés, pela vida dos maridos". Trago entretanto um pesponto à explicação de Magalhães Junior. Não diria que Carolina passou na vida de Machado. Prefiro dizer que encheu e que cercou. Há no Livro de Isaias um versículo que sempre me intrigou: "e a mulher circundou o homem". Carolina circundou Machado; foi de sua vida a envolvente obscuridade, a presença nutritiva, o silêncio que é o melhor companhia. Se é exato que a d. Carmo do "Memorial de Ayres" é o retrato de Carolina, nada exprime melhor o entendimento do casal do que esta passagem: "De quando em quando, ela e o marido trocavam as suas impressões com os olhos, e pode ser que também com a fala".

Não tiveram filhos. Do fato surgem dois comentários e nova oposição. No "Memorial de Ayres", que pertence mais à lembrança do que à criação, o reparo tem doce melancolia: "Um dos convivas — sempre há indiscretos — no brinde que lhes fez aludiu à falta de filhos dizendo que Deus lhes negara para que eles se amassem melhor entre si". Mas no capítulo final de Memórias Póstumas de Brás Cubas, que apesar do nome, pertence ao mundo do delírio e da invenção, cai um pingo daquela vesícula de fel, e com esse pingo fecha-se a "obra de finado" escrita "com a pena da galhofa e a tinta da melancolia": "...qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e consequentemente que sai quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do magistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria".

Indiscreto ou não, o conviva das bodas de prata de d. Carmo tinha

razão. Durante trinta e cinco anos viveu o casal um tranquilo e verídico afeto. Como diz Nabuco, Machado foi feliz. Mas poderá ser feliz, por mais que o mundo ajude, quem no meio da vida descobriu, de repente, as lágrimas das coisas? O mesmo homem que viveu enquadrado e farto, protegido pelo constante amor vive na obra que o trai — e a obra e não a carta que o trai — o inquieto e versátil amor, que falseja, que tem olhos de ressaca, que mente, que se abriga no desamparo de d. Plácida, e que, até em suas formas mais puras, como no conto que começa como Romeu e Julieta e termina em casamento, tem arremate de tamanho desconsólio. Os namorados que durante longos anos esperaram, separados, contrariados, casaram-se afinal. Serão felizes? "Eu lhes digo, respondeu esse amigo observador. Não são felizes nem infelizes..."; e depois de sutil explicação conclui que não podemos dizê-los felizes.

— "Então infelizes?"
— Também não. Vivem, respeitaram-se; não são infelizes, nem podemos dizer que são felizes. Vivem, respeitaram-se, vão ao teatro..."